

APRESENTAÇÃO

# TECENDO MEMÓRIAS, PRESERVANDO HERANÇAS, ILUMINANDO CAMINHOS: VOZES FEMININAS NAS LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

---

FRACIANE CONCEIÇÃO SILVA  
Universidade Federal da Paraíba

BERNARDO NASCIMENTO DE AMORIM  
Universidade Federal de Ouro Preto

Nos tempos que correm, no espaço das literaturas produzidas nos países africanos de língua oficial portuguesa, destacam-se, com especial vitalidade, as vozes e perspectivas das mulheres escritoras. Elas dão novo e especial tratamento a temas frequentes na literatura de seus países, como a guerra, a violência, os silenciamentos e as inúmeras facetas da opressão. Essas autoras, entretanto, também escrevem sobre outras dimensões da experiência, tanto individual quanto coletiva. Elas falam de dores, mas ressaltam igualmente a potência da vida, dos laços que se tecem por meio do afeto, nas relações cotidianas, familiares e amorosas, ou na cumplicidade da luta comum. Conectando-se com o passado, cuja memória se faz presente, essas vozes apontam caminhos ainda não trilhados. Com força, sutileza, engenho e arte, inauguram novas possibilidades éticas e estéticas, descortinando outras perspectivas de futuro.

Na ocasião em que a revista *Caletrosópio* completa dez anos de existência, comemoramos com um dossiê que esperamos poder tanto servir para reverberar algumas das vozes-mulheres das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, quanto para promover a teoria e a crítica literárias produzidas pelas estudiosas que se debruçaram e/ou se debruçam sobre esse terreno tão fértil. De fato, como não poderia deixar de ser, nos artigos que serão lidos a seguir, alguns nomes de professoras e pesquisadoras que se dedicaram ao tema são recorrentes. Nossas autoras e nossos autores são, como nós, leitoras e leitores de nossa

homenageada, Laura Cavalcante Padilha, de nossa entrevistada, Maria Nazareth Soares Fonseca, de Inocência Mata, Rita Chaves, Moema Augel, Carmen Lucia Tindó Secco, Margarida Calafate Ribeiro.

É no âmbito das homenagens, aliás, que abrimos este número da revista. Com o “Poema Ró”, NegrAnória d.Oxum celebra Rosilda Alves Bezerra, intelectual brilhante, que se dedicava com afincos aos estudos das literaturas africanas, falecida em fevereiro de 2021, em decorrência da Covid-19: “Ró, ao longe, mira... / Admira, suave, serena... / Leve, leve, sob os céus”. O texto de homenagem a Laura Cavalcante Padilha, na ponta oposta do dossiê, encerrando-o, é assinado por Carmen Lucia Tindó Secco, que relembra um pouco da trajetória de sua colega e amiga, com muita consideração e afeto. A gente, sem afeto, não se move...

Coincidiu a quantidade de artigos do dossiê com os anos de existência da revista. São dez. Abrimos com o texto de Aida Gomes da Silva, angolana, que, além de pesquisadora, é também escritora, autora do romance *Os pretos de Pousaflores*. Em seu artigo, intitulado “*Caderno de memórias coloniais e a representação do/a africano/a*”, a autora trata, em perspectiva crítica e ousada, da obra de Isabela Figueiredo, observando a presença, no romance, de “reducionismo sócio-humano e solipsismo literário”, considerando-se que, ali, “a personagem negra [é] desumanizada [...] e esvaziada de agência própria”. Tivemos alguma dúvida sobre onde situar o artigo, já que o objeto de estudo é o livro de uma autora talvez mais portuguesa do que africana. O fato de Aida ser uma mulher negra angolana, também romancista, entretanto, fez a diferença. Gostamos de ver como se manifesta a perspectiva de uma mulher também escritora, mas com um olhar que a diferencia da sua colega, acerca, não só do texto, mas também de sua repercussão no campo das letras de língua portuguesa.

Em seguida, temos o artigo de Luiz Fernando de França e Dayana Taveira Paixão, intitulado, “Magaíças, padrões e bayetes: trabalho forçado, imobilidade social e contra-violência na poesia de Noémia de Sousa”, no qual se percebe, na poética da autora moçambicana, um modo de tratar as relações de trabalho que, a um só tempo, “denuncia a destruição do trabalhador e [...] anuncia a destruição do colonizador”. “Whisky duplo ou cerveja: tensões do masculino em ‘Stress’, de Lília Momplé”, assinado por Fabio Gustavo Romero Simeão e Vanessa Rimbau Pinheiro, vem na sequência, trazendo uma análise do conto de Momplé com o foco na representação da masculinidade na narrativa. Simeão e Pinheiro propõem “subverter a lógica patriarcal hegemônica que define as mulheres a partir de sua perspectiva”, buscando analisar “como se dá a

representação literária das personagens masculinas sob a ótica de uma autora mulher”. Fechando o conjunto de artigos dedicados a vozes-mulheres da literatura moçambicana, temos o texto “A construção do *ethos*: uma análise discursiva das representações femininas no romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane”, concebido por Ana Patrícia Sá Martins e Tatiele Pereira da Silva, que confirmam, na obra de Chiziane, a “preocupação com a necessidade de um feminismo plural” e “com o fim da manutenção de uma sociedade patriarcal que vê a mulher como submissa”.

Na sequência, vêm os três textos dedicados à obra da guineense Odete Costa Semedo. O primeiro, “*No fundo do canto*: o cantopoema de Odete Costa Semedo”, assinado por Andréia Shirley Taciana de Oliveira, ressalta a ligação da poesia de Semedo com a sua gente e a sua terra: “Em um ato de resistência, ela solta a voz e, como uma prece, o seu canto toca bem no fundo a sua gente e alcança os cantos mais fundos da sua terra”. No segundo, de Karen Lane Silva e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira, nomeado “Odete Costa Semedo: a voz da mulher e a literatura guineense em contexto escolar”, defende-se a importância do trabalho, em contexto escolar, com narrativas breves como “A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do Pote”. Nas palavras das autoras, através deste trabalho, estudantes “se deparam com elementos característicos da cultura africana e da oralidade, ampliando seu repertório cultural e seu horizonte de expectativa”. No terceiro e último artigo dedicado a Semedo, “A literatura feminina no período pós-colonial na Guiné-Bissau: uma análise das obras de Odete Semedo”, escrito por Flávia da Silva Alves e Alexandre António Timbane, apresenta-se a autora como “feminista, política, poetisa, romancista que teve grande contribuição na poesia tradicionalista que parte da oratura para a literatura”.

O oitavo artigo do dossiê traz um exercício de comparatismo, relacionando um conto da cabo-verdiana Orlanda Amarílis com outro do português Manuel da Fonseca. Em “Considerações acerca dos deslocamentos espaciais nos contos ‘Thonon-les-Bains’, de Orlanda Amarílis, e ‘Maria Altinha’, de Manuel da Fonseca”, Francisca Patrícia Pompeu Brasil reflete sobre “a representação da mulher deslocada e vítima da violência”, ressaltando se tratar de obras que possibilitam “ao leitor repensar os valores engessados de sociedades misóginas e patriarcalistas”. O texto que vem a seguir não é sobre nenhuma autora ou obra específica, mas sobre a célebre Casa dos Estudantes do Império. Em “‘Casas de solidariedade’: instituições que mobilizaram mulheres a escreverem contra o colonialismo”, Fabiana Miraz de Freitas Grecco apresenta parte da pesquisa que tem realizado nos arquivos da CEI da Fundação Mário Soares, focalizando o “papel

desempenhado pelas mulheres, especificamente no que concerne ao desenvolvimento da literatura e de atividades voltadas para a construção de solidariedade entre elas”. Por fim, encerrando a sessão de artigos do dossiê, temos “A memória poética das mulheres na diáspora africana: descarnar o passado para iluminar o presente em *Memórias Aparições Arritmias*, de Yara Nakahanda Monteiro”, assinado por Nicola Biasio. Incorporando com bastante argúcia a proposta do dossiê, Biasio ressalta o potencial de uma “memória poética afrodescendente”, que, em um espaço “onde a sociedade vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial”, retorna ao passado para elaborar traumas, perdas e rupturas. Nesta perspectiva, Yara Nakahanda Monteiro é escritora afrodescendente que, participando de “uma longa genealogia de mulheres africanas que lutaram para a libertação da subjugação colonial”, continua “as lutas das próprias predecessoras para encarar os fantasmas do colonialismo e descolonizar nosso presente”.

Após os artigos do dossiê, temos as nossas quatro entrevistas, duas delas feitas presencialmente, no ano de 2017, e as duas outras feitas por e-mail, mais recentemente. Na primeira, entrevista-se a escritora cuja obra mais aparece como objeto de estudo dos artigos, Odete Costa Semedo. Wellington Marçal de Carvalho compartilha conosco a conversa que teve com a autora guineense em Cacheu, na Guiné-Bissau, quando de sua passagem por lá, em 2017. Na segunda entrevista, aparece um nome que vem preencher uma lacuna do dossiê, em que estava faltando a presença de São Tomé e Príncipe. Assunção de Maria Sousa e Silva entrevista Olinda Beja, especialmente para a revista *Caletrosópio*. Depois, vêm as entrevistas que fizemos nós, organizadora e organizador do dossiê. Na primeira, lemos/ouvimos uma descontraída conversa com Dina Salústio, escritora cabo-verdiana, ocorrida no ano de 2017, na Ilha do Sal, em Cabo Verde. Na segunda, acrescentando a voz da estudiosa às vozes das escritoras, temos o privilégio de “ouvir” a fala de Maria Nazareth Soares Fonseca, assertiva, generosa e cheia de ensinamentos. Como já dissemos, é em modo de homenagem que o dossiê termina. Finalizamos com a homenagem de Carmen Lucia Tindó Secco a Laura Cavalcante Padilha, nossa *nzila*, que abriu caminhos, apontou rumos, trilhas e horizontes. Salve, Laura Padilha!

Foi um trabalho longo, iniciado em setembro de 2021, quando surgiu a oportunidade de ocupar o espaço da *Caletrosópio*, pela primeira vez (em um dossiê), com as Literaturas Africanas em Língua Portuguesa. O resultado final podemos dizer que nos alegra e agrada. Acreditamos termos aqui um material que acrescenta aos estudos da área a que nos dedicamos, apaixonadamente, seguindo os passos de nossas predecessoras, com quem temos tido a sorte de poder andar de mãos dadas, em alguns momentos. Este

número da revista foi um deles. Esperamos que seja apreciado e que as leitoras e os leitores voltem a ele, algumas vezes, encontrando aqui elementos para o alargamento da compreensão acerca dos modos como as vozes femininas das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa tecem memórias, preservam heranças, iluminam caminhos...

\*

Algumas derradeiras linhas se fazem necessárias, nesta apresentação, embora um tanto quanto deslocadas: o número da revista fecha com um artigo que não compõe o dossiê, fazendo parte de sua sessão dedicada às submissões em fluxo contínuo. Poderia ser um texto com qualquer assunto, desde que relacionado aos estudos literários. Acabou sendo um artigo em que se aborda um escritor afro-brasileiro, que tem a particularidade de estar no centro do cânone nacional. Em “‘Mariana’ (1871), de Machado de Assis: escravidão e racismo à brasileira”, Joyce Pereira Vieira e Alexandre Agnolon abordam um conto que lhes parece fornecer uma “radiografia do racismo brasileiro”, defendendo que se trata de “um dos exemplos mais contundentes” da contribuição do autor para o “debate histórico acerca da escravidão e do racismo brasileiros”. A ver...

João Pessoa /Mariana, 17 de agosto de 2022.